



APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO 2017.2

A produção científica dos alunos de um programa de pós-graduação atesta a maturidade, tanto do programa, quanto do alunado. Ambas são, evidentemente, correlacionadas, e a excelência da produção aponta para as duas, concomitantemente.

A Revista Água Viva (RAV) se compraz em apresentar, no presente número, artigos produzidos por alunos de vários programas de pós-graduação. Essa produção aponta para a maturidade dos estudos literários de uma forma geral, e permite à revista cumprir seu objetivo precípua, o de fazer circular ideias, teorias, leituras.

Assim é que apresentamos ao leitor o artigo **CORPO FORMOSO, ALMA DE PASSARINHO: REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM GABRIELA, CRAVO E CANELA, DE JORGE AMADO**, da autoria de Lívia Alves Monteiro Carlos, Larissa Cristina Viana Lopes e Francisco Vieira da Silva, que discute, dentro de uma perspectiva dos estudos de gênero, a representação feminina em algumas das personagens femininas do romance de Jorge Amado. A ênfase recai, naturalmente, sobre a personagem título, e o processo de modernização da cidade de Ilhéus é analisado em suas interferências nas relações interpessoais dos personagens, notadamente, mas não exclusivamente, das personagens femininas em interação com personagens masculinas. A violência da reação à modernização, no romance, é encenada pela violência nas relações interpessoais.

Passando das praias nordestinas para as estepes russas, temos o artigo de Victor Hugo Pereira de Oliveira, **A HIEROFANIA NOS RELATOS DE UM PEREGRINO RUSSO: A TRANSFIGURAÇÃO DO ESPAÇO E DO TEMPO**, versando sobre uma narrativa anônima do séc. XIX, intitulada *Relatos de um Peregrino Russo*. Os conceitos de espaço e tempo, transfigurados na narrativa pela prática da meditação, no caso de *hesicasmó*, aprendida pelo Peregrino com um velho e sábio monge, são abordados a partir de Bakhtin e Evdokimov; o de *hierofania*, de Eliade; e de *transfiguração*, de Huerga (2003).

Os efeitos da intensificação de sua vida religiosa – aqui analisada a partir de Evdokimov e Leloup – sobre o Peregrino são notáveis: ele sai de um tempo sem significado para se mover no âmbito de um tempo sagrado, e igualmente sua percepção



do espaço se modifica pois, ele sai do que Eliade conceitua como espaço profano, caótico, e entra no espaço sagrado.

A seguir, temos o artigo **PERMANÊNCIA DO REALISMO: PAULO HONÓRIO ONTEM E HOJE - ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE S. BERNARDO E A REVERBERAÇÃO DA PERSONALIDADE DE PAULO HONÓRIO NOS DIAS DE HOJE**, de João Paulo Ferreira dos Santos, que nos traz uma leitura do romance *S. Bernardo*, de Graciliano Ramos. A base teórica é dada por György Lukács, em sua discussão sobre o realismo. Paulo Honório, o protagonista, se engaja no mundo do trabalho em um momento de modernização das relações de produção e isso, em um primeiro momento, o beneficia, pois ele passa de capataz a dono de uma fazenda. Aqui ocorre uma analogia entre os caminhos trilhados pelo narrador protagonista do romance e as classes intermediárias na atualidade. No entanto, as contradições que ele carrega afetam suas ações tanto na vida quanto na escrita, tornado um sujeito, como ele mesmo reconhece, rude, em virtude da luta pela sobrevivência, ele tem, por outro lado, uma liberdade como escritor de sua trajetória que um autor que dependesse da venda de seu livro não teria.

O que é bom para a literatura, infelizmente, não se revela bom para a vida. Se sua autoridade, conquistada por força de sua fortuna, permite uma verossímil narrativa realista, é essa posição que o endurece e não lhe permite abrigar a outridade apresentada por Madalena. Metáfora para nossa acidentada história econômica e nossa problemática convivência com o outro e conosco mesmos, Paulo Honório nos apresenta uma fábula cautelar, de sua lavra, para nos fazer refletir.

Partindo de conceitos cunhados por Foucault, Felipe Lima da Silva e Éderson Luís Silveira discutem, a partir do *Sermão da Segunda Domingo da Quaresma*, do padre Antônio Vieira, a impossibilidade de se falar sobre certos temas (que irão variar segundo o regime de verdade que cada época estabelece). A densa discussão desenvolvida em **NOS RASTROS DA CENSURA E A PALAVRA NO LIMIAR DO INTERDITO: O CASO DE ANTÔNIO VIEIRA E A LITERATURA (IM)POSSÍVEL** se debruça sobre os limites da linguagem e as impossibilidades de dizer – e o que elas revelam.

Em **TEORIA E PRÁTICA DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NO ENSINO FUNDAMENTAL: DESENCONTROS E CONFLITOS**, Pedro Afonso



Barth percorre o périplo da literatura infanto-juvenil, pouco contemplada na formação do profissional de Letras e sua dificuldade de inserção no cotidiano escolar, apesar da reconhecida importância da literatura na formação cidadã. Tal reconhecimento, evidenciado nos Parâmetros Curriculares estaduais e nacionais, parece ter pouco impacto tanto na escola quanto na academia, como demonstra a comparação efetuada no artigo. Embora o ensino médio conte com a inclusão, nas provas do ENEM, de textos literários consagrados, no ensino fundamental, o ensino da literatura parece estar à deriva. Através de cuidadosa análise de um plano de ensino, bem como do currículo de quatro cursos de Letras, Barth aponta para outros fatores que contribuem para a precariedade do ensino da literatura, aponta para o fato de que essa dificuldade já vem sendo denunciada há muito e conclama os profissionais da área a se debruçarem sobre o tema.

André Luís de Oliveira, em **RELAÇÕES FRATERNAS E CRISE DA MASCULINIDADE NO TEATRO DE NELSON RODRIGUES**, analisa as peças *Perdoa-me por me traíres* e *Toda nudez será castigada*, de Nelson Rodrigues, sob o viés das relações fraternas nelas apresentadas. Em ambas as peças, temos dois irmãos que debatem entre eles e encenam os possíveis significados da masculinidade. A fraternidade estabelece um jogo de espelhamento, dentro do qual está incrustada, paradoxalmente, a diferença.

Abordando a literatura na educação infantil, Keila Rossana Chaves Costa apresenta, em **O PROGRAMA COCORICÓ E SUA RELAÇÃO COM CONTO CLÁSSICO INFANTIL A BELA E A FERA SOB OLHARES DE CRIANÇAS**, a recepção da versão de *A Bela e a Fera* como narrativa audiovisual, apresentada no programa Cocoricó, por crianças do Jardim II de uma escola pública do Gama/DF. O aporte teórico para a leitura da versão é provido por Propp, enquanto a observação participante de uma roda de conversas sobre a narrativa visual *Belalilica e Ditofera* foi a forma de abordagem da participação das crianças.

O artigo apresenta uma importante reflexão sobre as formas de apropriação do texto literário, em variados suportes, por crianças tão jovens quanto a faixa etária de 5 anos, e a importância dessa experiência em sua formação, enquanto catalizador de outras experiências, versões, saberes, que cada uma traz.



O IDEAL ROMÂNTICO DE JOAQUIM MANOEL DE MACEDO: SÍMBOLOS E ENIGMAS NA OBRA A MORENINHA, de Juscelino Francisco do Nascimento e João Borges da Silva, apresenta a escritura de *A moreninha* como parte do esforço de construção de uma literatura nacional, liberta da influencia das literaturas estrangeiras. Essa literatura como missão é apenas um dos elementos que explicam a boa recepção que o romance obteve ao longo dos anos. Dessa forma, uma análise das relações estabelecidas entre os personagens aponta para as razões da permanência. A descrição de uma natureza especificamente brasileira apelava aos sentimentos nacionalistas dos leitores da época, uma vez que o romance foi publicado pouco depois da proclamação da independência; por outro lado, sua protagonista, que se diferencia por sua vivacidade (também brasileira, aliás) e por sua aparência física, apontada desde o título, do modelo das heroínas românticas, pode explicar a permanência do romance no gosto do público.

Já no trabalho **ONDE MESMO O BRASIL? FORMAÇÃO ADVERSATIVA EM VIVA O POVO BRASILEIRO, DE JOÃO UBALDO RIBEIRO**, de Luiz Gustavo Medeiros de Lima e Rafael Gazzola de Lima apresentam de forma brilhante, o complexo processo de formação do Brasil, em muitas de suas tensões e contradições, em especial no que diz respeito às relações conflituosas de classe e raça. Em vista do caráter esclarecedor da obra, ao jogar luz sobre a persistência das tensões entre as classes dominantes e as classes oprimidas, e sobre as conexões entre passado e presente brasileiros, eles creem que o romance de João Ubaldo guarda relações significativas com o gênero romance histórico defendido por Lukács.

Por fim, Emília da Silva Parente apresenta, em **O ESPERANTO BRASILEIRO: A LINGUAGEM E O DISCURSO NA (DES)CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES EM MACUNAÍMA**, uma leitura de *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, com foco na representação de culturas e identidades brasileiras dentro do romance. O *lócus* desses elementos é a linguagem, que nos indica o dialogo do teto com sua época, com os diferentes elementos constituintes da cultura brasileira, com o Modernismo, do qual Mario de Andrade não apenas participou, mas foi fundador e militante.

Ao disponibilizar ao leitor os artigos que compõe esse número, a Revista Água Viva (RAV) cumpre a função de fazer circular as leituras de diferentes obras literárias e assim ajudar a fomentar a maturidade das discussões sobre Literatura na academia.

Profa. Dra. Cíntia Carla Moreira Schwantes
Editora Chefe